

LEXICOLOGIA – UMA ENTREVISTA COM IEDA MARIA ALVES

Ieda Maria Alves

Universidade de São Paulo

ReVEL – O seu Projeto Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo, sob o nome de Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo, foi fundado em 1988, com apoio do CNPq. Já contava com corpora extraídos de veículos de comunicação de massa. Naquela época, bem sabemos, as dificuldades de informatização era comuns a todos no Brasil. Como a senhora conseguiu driblá-las e, apesar de tudo, reunir um corpus tão vasto?

Ieda Maria Alves – O *Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo* foi implantado em agosto de 1988, junto à Faculdade de Ciências e Letras de Assis de Assis (FCL-Assis) da Universidade Estadual Paulista, onde eu atuava. O Projeto foi iniciado com a colaboração do CNPq, procurando atender a uma dupla finalidade: atender à necessidade de elaboração de trabalhos terminológicos sobre as áreas científicas e tecnológicas; e, de maneira mais específica, descrever algumas ciências e técnicas para responder às necessidades do desenvolvimento tecnológico e científico, que ocasiona a criação contínua de novos termos que devem ser catalogados e difundidos.

Com as duas bolsas de Iniciação Científica que me concedeu o CNPq, dei início à pesquisa de neologismos em algumas áreas de especialidade. Três áreas foram inicialmente privilegiadas, por diferentes razões: a área de Ciências Agrárias, pelo fato de eu trabalhar em Assis, uma cidade em que as atividades agrícolas tinham grande importância; a Psicologia, por ser uma área de Humanas e FCL-Assis oferecer o curso, o que me facilitava o contato com psicólogos, já que os especialistas de áreas são

parceiros importantíssimos em todo trabalho terminológico; e a Informática, que se implantava no Brasil e cuja terminologia ainda estava em formação. Essas diferentes áreas foram estudadas em diferentes *corpora*: textos especializados (artigos de periódicos) da área da Psicologia, facilmente encontrados na biblioteca da Faculdade, e materiais de divulgação das áreas das Ciências Agrárias (revistas e cadernos de jornais) e da Informática (revistas).

A Informática estava engatinhando nas universidades, e o Projeto foi iniciado por meio da leitura de textos, forma de trabalho habitual entre os que – não apenas no Brasil – faziam pesquisa na área de Neologia. Os dados recolhidos foram registrados em fichas terminológicas, em suporte papel, até meados da década de 1990.

A partir de janeiro de 1993, paralelamente à pesquisa em neologia de algumas línguas de especialidade, o Projeto *Observatório* passou a dedicar-se também ao estudo da neologia geral, por meio da busca de neologismos em jornais (*Folha de S. Paulo* e *O Globo*) e revistas (*IstoÉ* e *Veja*) de grande divulgação. Foi então criada a *Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo*. Com a criação desse subprojeto, os objetivos do Projeto modificaram-se parcialmente, passando a ser: coletar, analisar e difundir aspectos da neologia geral e da neologia científica e técnica do português contemporâneo do Brasil; elaborar glossários e dicionários terminológicos em algumas das áreas estudadas. As áreas de especialidade restringiram-se a duas, a Inteligência Artificial e a Economia, embora pós-graduandos de Mestrado e Doutorado possam escolher outras áreas para o desenvolvimento de suas dissertações e teses.

Já atuando na Universidade de São Paulo (desde janeiro de 1990), continuei contando com o apoio do CNPq, e também da FAPESP, relativamente à obtenção de bolsas de Iniciação Científica, o que foi fundamental para o desenvolvimento do Projeto.

Outro apoio fundamental ao desenvolvimento do Projeto tem sido proporcionado pelos avanços da Informática. Posso afirmar que o desenvolvimento do Projeto foi seguindo o desenvolvimento da Informática, não apenas em relação à utilização de *corpora* informatizados para a obtenção e a otimização de dados como também no

que se refere à divulgação dos mesmos. Esse apoio tornou-se mais eficaz em meados da década de 1990, quando as fichas lexicológicas e terminológicas passaram a ser registradas em uma base de dados do programa Access da Microsoft, o que eliminou as fichas em suporte papel. Também nesse período pude contar com edições informatizadas da revista *Veja*, fornecidas pela Editora Abril e, pouco tempo depois, a disponibilização de jornais e revistas pela Internet possibilitou o acesso aos textos jornalísticos informatizados que serviam como *corpora*.

Já no século atual, o apoio informático vem-se consolidando, e o Projeto conta com um extrator de neologismos desenvolvido por pesquisadores do NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional) da USP-São Carlos, Sandra Maria Aluísio e Thiago Salgueiro Pardo, o que permite a coleta semiautomática de neologismos. Outro importante fruto da parceria com a Informática é representado pela consulta *on-line* de neologismos constituintes da *Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo*, que abrange, atualmente, cerca de 35 000 unidades lexicais neológicas e mais de 50 000 ocorrências. Essa consulta pode ser efetuada no site do Projeto (www.fflch.usp.br/dlcv/neo), em que também estão sendo disponibilizados termos da Economia, tanto neológicos como já consolidados, sob forma de verbetes que apresentam: referências gramaticais e processo de formação do termo, sua definição e um exemplo de uso, extraído de materiais de divulgação da área econômica.

ReVEL – Como a senhora avalia a importância e a visibilidade da pesquisa sobre neologia em linguagem cotidiana e em linguagens especializadas no Brasil hoje?

Ieda Maria Alves – Considero que a pesquisa sobre Neologia, tanto a referente à linguagem cotidiana, como a que concerne às linguagens especializadas, é de grande importância para o conhecimento do desenvolvimento de uma língua.

A pesquisa sistemática sobre a língua cotidiana, que na terminologia da Lexicologia é denominada *língua geral*, em oposição às *línguas de especialidade*, permite verificar, em um período e em um *corpus* determinado: os processos de formação mais usuais;

os prefixos e sufixos mais usuais; a concorrência entre estrangeirismos e elementos vernáculos na evolução do léxico de uma língua.

Relativamente ao estudo da neologia nas línguas de especialidade, a análise da formação dos termos permite também verificar, em um período e em um *corpus* determinado, os processos de formação e os afixos mais usuais. Permite também observar se uma língua de especialidade segue os processos históricos de formação dessa área, a exemplo das áreas médicas, que com frequência recorrem a radicais gregos e latinos para a constituição de novos termos. Várias outras possibilidades de estudo se oferecem ao pesquisador: diferentes gêneros textuais (do científico *stricto sensu* à divulgação científica) permitem estudos contrastivos no que concerne a: observação da variação terminológica, em suas diferentes modalidades (morfológica, lexical, sintática); formação de termos metafóricos; emprego de estrangeirismos e formas decalcadas, entre outras possibilidades.

Outros estudos podem focar as relações que as unidades lexicais neológicas estabelecem com a sintaxe, a semântica, o texto... Na verdade, a unidade lexical neológica abre, como salienta o pesquisador francês Jean-François Sablayrolles (*La néologie aujourd'hui*. In : GRUAZ, C. *À la recherche du mot: de la langue au discours*. Limoges: Lambert-Lucas, 2006) inúmeras possibilidades de estudo, ultrapassando o âmbito da Lexicologia, da Lexicografia e da Terminologia e podendo ser enfocada sob diferentes teorias, sob diferentes perspectivas de análise linguística. Assim, em virtude de refletir uma carga cultural nova (um novo fato) e um processo de formação, uma palavra neológica pode ser estudada a partir de todas as teorias e de todos os pontos de vista linguísticos.

No entanto, a visibilidade da pesquisa sobre a Neologia, tanto a da língua cotidiana como a das línguas de especialidade, não acompanha ainda a importância desses estudos. Mas ressalto, com muita satisfação, que a visibilidade dos estudos neológicos e terminológicos é cada vez maior, em razão de diferentes fatores.

O mais importante deles é representado pela criação, e sobretudo pela atuação do Grupo de Pesquisa em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL, que

criado em 1986, tem desde então buscado consolidar a área do Léxico entre os estudos de Linguística no Brasil.

Essa consolidação tem-se efetuado por meio de um trabalho de formação, que, inicialmente limitado a algumas universidades brasileiras (Universidade de São Paulo, Universidade de Brasília, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Estadual Paulista), foi, com a formação crescente de mestres e doutores em Lexicologia e Terminologia, apresentando um efeito propagador, fazendo com que outras universidades passassem a oferecer formação nessas áreas.

A realização de numerosos encontros sobre o Léxico, tanto no âmbito do GT – nos encontros nacionais bienais, e nos anos ímpares, desde 1997, nos encontros intermediários – como em eventos fora do âmbito do GT, também tem contribuído sobremaneira para a visibilidade dos estudos lexicais. Como consequência desses encontros, nacionais e intermediários, a publicação de *Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*, com cinco volumes editados, representa uma importantíssima mostra da quantidade e da qualidade de trabalhos produzidos nessas três subáreas do Léxico.

Ressalto ainda a atuação do GT junto às agências de fomento e às grandes associações de Linguística, o que tem contribuído para que a área do Léxico tenha inserção junto às demais áreas de estudos linguísticos. Números especiais dedicados à Lexicologia e à Terminologia, como este volume que a **ReVEL** oferece a seus leitores, representam também um índice de consolidação da importância da pesquisa em Neologia no português brasileiro contemporâneo.

Especificamente no que concerne à pesquisa em neologia das línguas de especialidade, ressalto que a visibilidade também transparece por meio dos numerosos glossários disponibilizados em formato papel e em sites de bancos, órgãos governamentais e diferentes empresas, que refletem a consciência da importância comunicativa da Terminologia nas atividades cotidianas.

ReVEL – O seu trabalho relativo à observação de estrangeirismos rendeu um importante apoio para a ALAB quando da discussão de um projeto de lei sobre estrangeirismos. Qual a sua posição sobre os estrangeirismos no português do Brasil? Eles têm/teriam mesmo algum poder para corromper a nossa língua?

Ieda Maria Alves – Todos os estudiosos das línguas sabem que os idiomas se influenciam mutuamente e que estrangeirismos se incorporam a todas as línguas vivas. Também sabem que o prestígio de uma língua está muito ligado ao(s) povo(s) que a fala(m). Relembrando o que Mattoso Câmara (*História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975) escreveu há quase quatro décadas, a língua portuguesa tem aumentado seu patrimônio lexical por meio de empréstimos íntimos – de substrato (línguas ibéricas pré-românicas), de superstrato (elementos germânicos) e de adstrato (elementos árabes, africanismos e tupinismos) – e culturais (sobretudo elementos do provençal, do francês, do italiano e, mais contemporaneamente, do inglês).

Desde que iniciei o estudo de observação sistemática da neologia no português do Brasil, fui constatando que os estrangeirismos eram relativamente poucos, se comparados com os neologismos criados por meio dos processos vernaculares. Os dados da *Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo* mostram que os estrangeirismos representam 17% dos neologismos do *corpus* estudado, sendo os demais 83% representados por processos vernáculos. Dentre os neologismos não vernáculos, 73% são de origem inglesa, seguindo-se os de origem francesa (8%) e os de origem japonesa (3%), italiana (3%) e espanhola (2%).

Grande parte desses estrangeirismos (68%) é representada por *hapax*, ou seja, unidades lexicais que ocorrem no *corpus* uma única vez. Dentre esses – especialmente os de origem não inglesa –, vários são empregados em textos bastante específicos, que se referem a características de outros países e culturas. São unidades lexicais designativas de pratos regionais (*carcerato pistoiese*, uma sopa da região italiana de Pistoia), de traços típicos de regiões ou cidades (*hutong*, quarteirão com casas pequenas existentes em ruelas de cidades chinesas), de práticas locais (*takraw*, esporte praticado na Tailândia).

Os estrangeirismos que circulam nos jornais e revistas analisados pelo Projeto *Observatório* pertencem, sobretudo, à área musical, e designam nomes de danças (*street dance*), gêneros musicais (*black music, britpop, pop-rock*). Em seguida, destacam-se os termos da área tecnológica e informática (*closed caption, smart card, stent*). A área dos esportes também é responsável pela introdução de termos, tanto de origem inglesa (*jab, pitcher*), como de outras origens (*ippon*, de origem japonesa; *tai chi chuan*, de origem chinesa). A Economia, ciência responsável pela criação de numerosos neologismos vernaculares, apresenta também estrangeirismos de origem inglesa que circulam internacionalmente: são, especialmente, os termos das bolsas de valores (*after market*), do comércio internacional (*trader*), do comércio eletrônico (*e-money*).

Observa-se, assim, que os estrangeirismos são introduzidos pelos falantes para acompanhar a introdução de uma dança, um tipo de música, um esporte, uma técnica, um novo tipo de transação comercial. Designam ainda novos hábitos e modos de agir, como a entrega rápida de uma mercadoria (*delivery*), a refeição rápida (*fast-food*), o convívio após um dia de trabalho (*happy hour*). Muitos deles são também empregados em outros idiomas e podem fazer parte dos *Mots sans frontières*, de Sergio Corrêa da Costa (Poitiers: Rocher, 1999), ao lado de *bunker, geisha, kibbutz, made in, match, nec plus ultra, pizza, réveillon, souvenir, tortilla*, entre tantas outras unidades lexicais internacionalizadas citadas pelo Autor.

Além da adaptação fonológica ao idioma que os recebe, os estrangeirismos adaptam-se também, não raro, à morfologia da língua receptora, tanto do ponto de vista flexional como derivacional. Relativamente ao gênero, os estrangeirismos tendem a seguir a flexão da língua de origem (exigir minha *appellation contrôlée*, Veja, 03-2006), ou, se esta não apresenta flexão em gênero, tendem a receber o gênero masculino, não marcado (o *blog*, o *twitter*). Tendem também a adaptar-se ao sistema da flexão em número do idioma, a exemplo do italiano *famiglias*, empregado ao invés de *famiglie* (o crime organizado das *famiglias*, IstoÉ, 03-1995). Vários derivados são também formados a partir de um estrangeirismo, como *blogueiro*, em que a forma inglesa *blog* junta-se ao sufixo português *-eiro* (Quase simultaneamente, entra no ar o weblog coletivo *blogueiros*, Época, 07-2006).

A adaptação semântica também ocorre, nos casos em que um estrangeirismo, introduzido na língua receptora com um significado, torna-se polissêmico. Exemplifico com a unidade lexical *upgrade*, que, introduzida no português brasileiro em referência à atualização dos componentes de um computador, passou também a ser empregada para designar outras formas de atualização e de aperfeiçoamento (A cada novo patamar da fama de Ronaldo, a família imediatamente ganha *upgrade*, Veja, 12-1996).

Alguns estrangeirismos não apresentam nenhuma forma de integração – com exceção da integração fonológica – à língua portuguesa. Palavras de origem estrangeira bastante frequentes como *jeans* (do inglês) e *pizza* (do italiano) guardam a grafia das respectivas línguas de origem. Este fato pode ser devido ao prestígio da língua estrangeira, porém acredito que a ausência de integração ortográfica é, em alguns casos, condicionada pela estrutura da palavra estrangeira. Se um estrangeirismo, como *surf*, facilmente se integra ortograficamente ao português, com o acréscimo da vogal temática –*e* à consoante final, formando uma sílaba do português – *surfe* –, outros estrangeirismos frequentes, como *jeans* e *software*, resistem à integração ortográfica, possivelmente em razão da estrutura vocabular mais conforme à língua inglesa.

Considero que os estrangeirismos são inevitáveis em toda língua viva, enriquecem-na e representam as relações que essa língua estabelece com outras culturas.

ReVEL – Que tipo de perspectiva a senhora tem adotado no estudo de Terminologia e de Linguagens Especializadas? Como a senhora vê os estudos sobre a presença de metaforização em meio às linguagens científicas?

Ieda Maria Alves – Os trabalhos terminológicos realizados no âmbito do Projeto *Observatório* sempre se enquadraram nas características da terminologia descritiva, vertente que se contrapõe aos trabalhos de natureza normativa, preconizados especialmente pelo engenheiro austríaco E. Wüster (1898-1977).

Embora a Terminologia enquanto prática seja bastante antiga e remonte à Idade Média, ou mesmo antes, seu marco inicial, como disciplina, é atribuído a Wüster. Representante de um importante grupo de estudiosos da Terminologia, a Escola de Viena, Wüster apresenta em 1931, na Universidade Técnica de Stuttgart, sua tese de doutorado intitulada *A Normalização Internacional da Terminologia Técnica*. Nesse trabalho, demonstra preocupações metodológicas e normativas, expõe os princípios que devem presidir os trabalhos relativos ao estudo dos termos e esboça as linhas de uma metodologia referente aos bancos de dados terminológicos. As idéias de Wüster, desenvolvidas nessa tese e em trabalhos posteriores, constituem a *Teoria Geral da Terminologia (TGT)*, que até hoje influencia a elaboração de trabalhos terminológicos.

Paralelamente a essa vertente, que preconiza, de maneira idealística, uma relação biunívoca entre o termo e seu significado, o conceito, contrapõe-se uma terminologia de caráter descritivo, em que a variação e a mudança linguística são observadas e respeitadas. Nessa perspectiva, a relação unívoca entre um termo e um conceito, pregada pela *Teoria Geral da Terminologia*, deixa de ser um pressuposto necessário para garantir a eficácia da comunicação. A prática do trabalho terminológico tem mostrado que, contrariamente ao que prega a Escola de Viena, não existe uma relação unívoca entre termo e conceito. O termo, signo linguístico, está sujeito a variações como as demais unidades da língua e tece relações de caráter sinonímico, antonímico e polissêmico com outros termos. Essa última vertente trabalha com a observação dos dados e considera que, tanto quanto na língua geral, as línguas de especialidade são sujeitas a variações e a relações sinonímicas e polissêmicas.

Assim, à *Teoria Geral da Terminologia* tem-se oposto a terminologia de caráter variacional, relativa tanto ao conceito quanto ao termo, que também leva em conta a dimensão textual e discursiva dos termos. Um dos expoentes dessa teoria de caráter variacional, Maria Teresa Cabré, propõe um conjunto de princípios e de fundamentos, sintetizados sob a denominação *Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)* (cf. CABRÉ, Maria Teresa. *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida / Empúries, 1993).

Deve-se acentuar que a terminologia normativa é também importante, especialmente em situações em que não pode haver riscos e em que a ausência de ambiguidade é essencial.

Os estudos sobre a metaforização nas linguagens científicas representam um dos aspectos comuns que existem entre a língua cotidiana e as línguas de especialidade. A utilização do recurso figurado, presente na linguagem cotidiana, não se mostra incompatível com a busca de precisão que caracteriza as terminologias. Ao contrário, o uso da metáfora procura tornar o termo mais transparente ao usuário. Por essa razão, embora o emprego de metáforas esteja presente em todo tipo de texto científico, é nos textos de divulgação científica que elas se mostram mais atuantes.

Vou exemplificar com a linguagem da Economia, que se revela plena de metáforas. Os economistas vão atribuindo a palavras da língua geral e a termos de diferentes áreas técnicas um outro significado, criando, assim, pelo processo da neologia semântica, novos termos. Termos como *âncora fiscal* e *âncora monetária*, *ataque especulativo* e *paraíso fiscal* revelam, pelo recurso metafórico, o empréstimo de outras terminologias: da terminologia da Marinha é oriundo o termo *âncora*, peça que fixa o navio ao fundeadouro e na Economia designa um conjunto de medidas que objetivam manter a economia estável por meio da contenção dos gastos públicos (*âncora fiscal*) e de um limite à oferta de moeda (*âncora monetária*); da terminologia bélica está presente o termo *ataque*, que forma *ataque especulativo*: situação em que um país sofre a ação de investidores, que, inicialmente, aplicam na moeda local para, em seguida, trocá-la por dólares, o que ocasiona a desvalorização da moeda ou a elevação da taxa de juros. A terminologia religiosa faz-se representar por *paraíso fiscal*, um país que concede isenções tributárias a investidores estrangeiros, que nele realizam operações financeiras permitidas por lei. Nesses termos sintagmáticos, o elemento determinado do sintagma corresponde ao termo emprestado e metafórico e o elemento determinante, de caráter adjetival, pertence à área da Economia.

ReVEL – A senhora poderia sugerir algumas leituras essenciais sobre Lexicologia para nossos leitores (alunos, professores e pesquisadores da área de Letras e Linguística)?

Ieda Maria Alves – A Lexicologia pode ser abordada sob diferentes perspectivas, morfológicas e semânticas. Do ponto de vista morfológico, uma questão crucial se refere ao que é a palavra, a unidade lexical. Outro importante aspecto morfológico diz respeito aos processos de formação das palavras. Do ponto de vista semântico, questões sinonímicas, antonímicas, homonímicas e polissêmicas podem ser abordadas pela Lexicologia.

Em língua portuguesa, um importante e pioneiro trabalho sobre Lexicologia é *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*, de Maria Tereza de Camargo Biderman (Rio de Janeiro: LTC, 1978). Nessa obra, dividida em três partes, a Autora estuda primeiramente a teoria lexical segundo uma perspectiva quantitativa. Na segunda, aborda a problemática da delimitação da unidade lexical. A terceira parte é dedicada às classes de palavras. *Teoria lexical*, de Margarida Basílio (São Paulo: Ática, 1987), analisa questões referentes à teoria do léxico e aos mecanismos que determinam a formação de palavras, novas ou já atestadas, na língua portuguesa.

Em *Estudos de lexicologia do português* (Coimbra: Almedina, 1994), Mário Vilela dedica-se à análise de aspectos semânticos e morfológicos do Léxico, abordando também as combinações dos elementos lexicais na frase e no discurso.

Rodolfo Ilari aborda, em *Brincando com as palavras* (São Paulo: Contexto, 2002), várias questões relativas às palavras. Assim, de forma lúdica, são apresentados os campos lexicais, a etimologia, a formação de palavras novas, os sufixos e outros temas referentes ao Léxico.

Menciono também alguns trabalhos em língua francesa dedicados à Lexicologia, pois na França o Léxico sempre foi objeto de vários estudos.

A importante obra *La lexicologie. Lectures*, de Alain Rey (Paris: Klincksieck, 1970), descreve o desenvolvimento dos estudos lexicais desde a Antiguidade grega,

apresentando diferentes visões do Léxico, segundo as teorias linguísticas e as relações por ele estabelecidas com outras disciplinas.

Em *Précis de lexicologie française* (Paris : Nathan, 1977), Jacqueline Picoche aborda, primeiramente, o signo lexical (critérios de delimitação da palavra e a arbitrariedade do signo). Descreve as relações entre léxico e vocabulário e as palavras em seus contextos, fazendo referência às classes de palavras, às combinatórias semânticas, aos campos lexicais e às famílias de palavras.

Alise Lehmann e Françoise Martin-Berthet, na obra *Introduction à la Lexicologie. Sémantique et morphologie* (Paris : Dunod, 1998), abordam aspectos da Semântica lexical (sentido lexical, análise sêmica, tipos de relações semânticas) e da Morfologia lexical (formação de palavras em diacronia e em sincronia e tipologia dos processos de formação). Esta mesma divisão é observada em *La Lexicologie entre langue et discours*, de Marie-Françoise Mortureux (Paris: Armand Colin, 2004), que ainda estuda aspectos da Neologia e da lexicalização das novas palavras.

Muito importantes também, na divulgação de trabalhos de caráter lexicológico, têm sido alguns números especiais que a revista *Alfa* tem destinado à Lexicologia, Lexicografia e Terminologia.

O primeiro número, publicado em 1984, foi organizado pela Profa. Maria Tereza de Camargo Biderman e dedicado à Lexicologia e à Lexicografia. A mesma pesquisadora organizou o número 42 (Especial), em 1998, intitulado *O estado da arte nas ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Em 2006, o número 50 (2), organizado por Ieda Maria Alves e Gladis Maria de Barcellos Almeida, também reúne vários trabalhos dedicados a essas três subáreas do Léxico.

Menciono ainda os cinco volumes de *Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. O primeiro volume foi publicado em 1998 (Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), organizado por Ana Maria Pinto Pires de Oliveira e Aparecida Negri Isquerdo. Seguiram-se mais quatro volumes: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). *As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. vol. II. Campo Grande: Editora da

UFMS, 2004; ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Orgs.). *As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. vol. III. Campo Grande / São Paulo: Editora da UFMS / Humanitas, 2007; ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Boccorny (Orgs.). *As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. vol. IV. Campo Grande: Editora da UFMS, 2008; ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lidia Almeida (Orgs.). *As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. vol. V. Campo Grande: Editora UFMS, 2010.

Por último, destaco algumas obras que se dedicam especificamente ao estudo da Neologia, com base em diferentes *corpora*:

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática, 2007. 1 ed. 1990.
BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. 3 ed. São Paulo: Plêiade, 1996.
CARVALHO, Nelly Medeiros de. *Linguagem jornalística. Aspectos inovadores*. Recife: Secretaria da Educação de Pernambuco / Associação de Imprensa de Pernambuco, 1983.
SABLAYROLLES, Jean-François. *La néologie en français contemporain*. Paris: Honoré Champion, 2000.
SANDMANN, Antonio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia e Labor / Ícone, 1988.